

**AAVV. *Literatura-Mundo Comparada, Parte III: Perspectivas em Português — Pelo Tejo Vai-se para o Mundo*. Coordenação: Helena Carvalhão Buescu e Simão Valente. Tinta-da-China, 2020.**

**Hugo Pinto Santos**

[hugopintosantos14@gmail.com](mailto:hugopintosantos14@gmail.com)

ORCID: 0000-0002-7070-9897



Os presentes volumes 5 e 6 concluem a ampla série *Literatura-Mundo Comparada, Perspectivas em Português*, de que formam a terceira parte, subdividida em dois. A colecção contou com coordenação científica geral de Helena Carvalhão Buescu. Nesta meia dúzia de momentos se agrupa aquele que é, certamente, o mais ambicioso projecto antológico alguma vez entre nós dedicado à literatura. A forma de intitular este longo e arrojado labor cumpre a função de encerrar uma eloquente demarcação e um descritivo exacto. O leitor está diante de uma *imago mundi, um mapa mundi*. Porque este empreendimento fornece uma imagem, que é um complexo espelho, e uma cartografia, com a qual se abre caminho para um emaranhado de trilhos — no panorama incalculável do mundo vasto. Não o faz apenas em extensão, mas também em variedade e fundura, senão em surpresa.

No seu avanço organizativo, este conjunto antológico desenha um itinerário que se espraia do interior para fora, mas que se volta para a globalidade, um desígnio que mais se evidenciará nestes dois volumes. Assim, a primeira parte (volumes 1 e 2) concentrava-se nos *Mundos em Português* que a intitulava e onde estavam patentes oficiais que, de Camões a Clarice Lispector, formavam a evidência luminosa de uma lusofonia que se acende com a produção do idioma comum nas obras de Germano Almeida, Nelson Rodrigues e Eça de Queiroz. A extensão dos praticantes mais ilustres de uma língua que equivale à multiplicidade das literaturas tricontinentais. África, América e Europa acolhem, absorvem e reinventam a herança viva em múltipla partilha.

Os volumes 3 e 4, da parte II desta série, a um tempo avançavam e retrocediam. Se prosseguiram a senda para fora da geografia nacional, rumo à larga Europa e ao Médio Oriente, recuavam também no tempo, até às eras passadas e até ao universo do Velho e do Novo Testamento, mas ainda ao mundo dos Helenos. É, portanto, da dupla matriz, a judaico-cristã e a grega, que se trata. E, uma vez mais, é a vertigem das eras, o tumulto fascinante do passado, como prenúncio de todos os presentes e dos menos adivinháveis futuros. A basezinha, diria um bem-intencionado eclesiástico.

Nos dois volumes derradeiros da magna antologia, o repto que o título constitui — *Pelo Tejo vai-se para o Mundo* — converte-se em prática. Realmente, a parte III, nos seus dois volumes, leva ainda mais longe, no tempo e no espaço, do que as suas antecessoras, dado que, conforme podemos ler na “Introdução”, “abrange as tradições literárias mundiais que não são recobertas pelos volumes anteriores” (31). Uma vez que, no conjunto dos três tomos o “escopo histórico” é “progressivamente maior”, como se lê, ainda, na “Introdução”, e devido à “diversidade estruturalmente mais densa que caracteriza as várias tradições e culturas aqui aproximadas”, a organização dos volumes 5 e 6, de que nos ocupamos, segue uma orientação dupla. Num primeiro segmento (volume 5), geográfico e cronológico, desde “O Mundo Antigo (III milénio a.C. – 500)” até “A Idade Moderna (1500-1800)”, num arco temporal e transcultural com o qual o leitor atravessa geografias e tempos tão distintos quanto o Mundo Árabe Islâmico, Bizâncio, a Pérsia, ou a China e o Japão do período clássico, mas também tradições pré-coloniais dos continentes africano e americano. Posteriormente, a encerrar o volume 5, a estruturação passa a ser temática, sob a titulação englobante “A Revolução do Século XIX”, cujas subsecções permitem, por exemplo, emparelhar, sob a mesma divisória (“Literatura e Condição Humana”), a poesia de Emily Dickinson,

Kobayashi Issa, Amado Nervo, Masaoka Shiki e John Greenleaf Whittier, ou seja, dois continentes e épocas paradoxalmente próximas e remotas entre si: o Japão entre o século XVIII e as vésperas de Novecentos, e a América, central e do Norte, entre o século XIX e o XX, mas sobretudo através de tão divergentes formas de encarar o fenómeno poético, entre a abertura ao mundo e a criação de universos paralelos e imaginários, entre o compromisso e o (por vezes sublime) alheamento. A partir destes momentos de conclusão do volume 5, a forma de organizar a antologia permanecerá temática. Assim, no volume 6, cria-se uma cúpula estruturante, que envolve todas as obras antologiadadas — “Século XX: O Mundo em Viragem”. Sob essa designação global e maximamente inclusiva, parte-se dos “Crioulos de Base Lexical Portuguesa” para chegar, debaixo da rubrica “Natureza e Tecnologia”, a “Humor, Sátira e Ironia”. Se, no primeiro desses estágios, se percorre uma diáspora que leva de Macau e Malaca a São Tomé e Guiné; no outro, o leitor segue dos alvores do século XX japonês ao Senegal em pleno século passado.

Estes são, porém, marcos apenas de uma extensão demasiado vasta, heterogénea e instigante, para se descrever em pormenor, ou mesmo abreviadamente, e muito menos pelas extremidades que encetam e concluem cada um dos volumes. De qualquer forma, fique-se com o esqueleto de um corpo cujas proporções são verdadeiramente colossais. Entretanto, se descermos um pouco à particularidade de cada um dos volumes, sempre podemos destacar de que forma, por exemplo, a “Literatura no Mundo Cananaico e Bíblico”, título de uma das suas secções, permite o contacto com um património contíguo ao bíblico, mas de acesso menos comum: “A literatura de Ugarit ficou a ser a única representante directa das culturas que se desenvolveram em Canaã, no tempo anterior à Bíblia, e que lhe serviram de fundamento” (199), conforme esclarece José Augusto Ramos. Assim, os textos aqui antologiadados (em tradução directa do ugarítico), “representam três secções do ciclo mitológico do deus Baal” (id.) — “E replicou Kotharu-Hasisu:/ ‘Não te disse eu, ó príncipe Baal,/ de forma repetida, ó auriga das nuvens?/ Agora, o teu inimigo, ó Baal,/ agora o teu inimigo deves esmagar./ Apoderar-te-ás do teu reino eterno,/ do teu domínio pelos séculos dos séculos” (vol. 5, 205). Além da raridade do texto recolhido (tradução inédita), acresce que a leitura de tal espécime literário garante ao leitor o ingresso num território que o autoriza a testemunhar novas perspectivas, ou assaz antigas, mas que ficam ocultas sob a influência normalizadora de um cânone ou uma grelha histórica e cultural.

Nem só das mais recuadas raízes vive esta antologia, como já se tentou sugerir. A abrangência mesma das suas inclusões é um vivo testemunho em contrário. Apesar do elevado número de traduções inéditas (recentes e antigas; algumas, por exemplo, do início do século passado), esta é também uma antologia de antologias, arquivando e fazendo reviver antecedentes ilustres como *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro* (Assírio & Alvim, 2001), entre várias outras publicações mais ou menos conspícuas. Mas detenhamo-nos por instantes no caso oposto. O de um poeta que lança não negligenciáveis desafios, tanto ao descuidado ou ocioso leitor, quanto àquele que se aventura a traduzi-lo, John Ashbery. Aqui se optou por tradução original de João M. P. Gabriel:

*E Ut Pictura Poesis* é o seu nome  
Já não podes dizer isso assim.

Incomodado com beleza tens de  
 sair cá para fora, para uma clareira,  
 E descansar. É certo que o que for engraçado que te aconteça  
 É OK. Exigir mais do que isto seria estranho  
 Da tua parte, tu que tens tantos amantes,  
 Pessoas que te admiram e estão dispostas  
 a fazer coisas por ti, mas achas que  
 Não é correcto, que se te conhecessem a sério...  
 Lá se vai a auto-análise. (vol.6, 355)

E aqui poderia perpetrar-se a ilegitimidade de um parêntesis, para sugerir, em regime de reiteração, as arduidades de uma tradução nestes moldes. Basta elencá-las. Gerir uma autêntica multidão: diferentes respirações e proveniências (espécie de interseccionismo muito depois, e muitos ismos volvidos), a prática do verso. As limitações que há na espacialidade do verso, na ingerência perversa e tão sub-reptícia do coloquial, imiscuído como está na peleja onde comparecem Horácio; o balancé do “eu” e do “tu”, que podem ou não ser o mesmo; efeitos de confessionalismo, difuso e mui oblíquo, semelhante a morrinha: leve mas capaz de molhar os néscios. Para nada dizer, ou tudo sugerir, das armadilhas montadas pela embalagem idiomática, o horizonte de intraduzibilidade, como sina e maldição. E ainda há a velha senha: traidor é quem traduz.

Um dos aspectos mais interessantes na integração de fontes bibliográficas de vária ordem e proveniência reside na possibilidade de confrontar versões feitas por diferentes tradutores de poetas pertencentes à mesma tradição cultural, ou inclusivamente o mesmo poeta. É o caso da poesia chinesa, no âmbito da qual se podem ler traduções de Gil de Carvalho em paralelo com as de António Graça de Abreu (responsável pela introdução ao capítulo “China: A Tradição Clássica”):

Um verde pinho está no pátio leste  
 Ervas e muitas prendem-lhe a beleza  
 O gelo queima outras espécies todas  
 A ele o vemos direito e alto de ramos» (319).

E eis como Gil de Carvalho teleporta D. Dinis da Idade Média portuguesa para a China do século IV e para Tao Yuanming, portanto anterior inclusivamente ao século VIII e aos numes Du Fu e Libai. Os quais integrarão posterior momento da antologia, vertidos por ambas as mãos tradutoras:

Jiao Sui, com cinco jarros de vinho,  
 liberta coração, fala como um deus,  
 a suprema eloquência, o pasmo em todos os convivas.  
 (457, Du Fu, por António Graça de Abreu);

Vem das obras, a fama?  
 O letrado retira-se, velho  
 E doente — sempre errante —,  
 Que sou eu senão uma gaivota  
 Entre céu e terra? (458, o mesmo, por Gil de Carvalho).

Num volume como o 5 desta colecção não falta o sortilégio das cosmogonias míticas, como a do Rigvede, aqui antologado em tradução inédita de José Carlos Calazans — “(No início) não existia nem o existente nem o não existente; não existia o espaço vazio nem o céu acima dele. O que havia então? Em que lugar? Quem zelava (por tudo)? Havia água (ou) o céu infinito?” (vol.5, 279). É sobremaneira tentador valorizar o modo interrogativo, a inquirição com que abre este “Hino da Criação” elaborado cerca de milénio e meio antes de Cristo. Mas nem só de tradições canónicas se faz esta antologia. Veja-se a partição intitulada “Meso-América e América do Norte”, cujo arranque se dá com uma “Canção de Trabalho de Escravos Negros das Ilhas Barbados”, em tradução inédita de Bernardo Diniz Ferreira — “O senhor comprou-me, ele não me matará, oh/ Antes de me matar ele manda-me para venda” (683). É, definitivamente, de outros enquadramentos que se trata, de geografias alargadas, mas sobretudo de modos muito distintos de conceber a gesta da humanidade, onde há lugar para os espoliados e os vencidos, como em “Os Últimos dias do Cerco de Tenochitlan”, em tradução, uma vez mais inédita, com a mesma autoria:

Basta: um pobre custava  
apenas dois punhados de farinha de milho,  
apenas dez pastéis de mosquito;  
o nosso preço não é mais que  
vinte pastéis de erva salitrosa. (685)

Não se trata de má consciência, mas, porventura, de dar forma e consistência prática e actuante ao desiderato aventado no início desta resenha: fornecer, esta antologia, um espelho do mundo, uma sua imagem, ao longo das eras. E, bem sabemos que, para retomar um título consagrado, esta foi uma história geral de infâmia.

Alguma coisa mais se poderia, talvez, dizer acerca do modo como se escolheu terminar cada um destes volumes. O primeiro deles encerra-se com dois textos, os que compõem a rubrica “Humor, Sátira e Ironia”. Ruben Darío e Nguyen Khuyen, um nicaraguense e um vietnamita. Uma opção que distende as geografias e repesca autores que repensam e interrogam, que questionam e desarranjam. Sintomaticamente (ou pelo contrário?), a última linha deste volume encerra uma interrogação, um verso que lança: “Como está a nossa pátria? Ou não sabe?” (vol. 5, 835), e também o volume final se fecha sob a mesma clave: “E agora que ia ser dele? Que fazer?” (vol. 6, 714) Ambos os volumes partilham o título no seu segmento final, o qual destaca a irrisão e a verruma irónica. Talvez se possa ver nestas duas interrogativas um mote eficaz para esta antologia. Não se tratou propriamente de fornecer uma resposta, mas de apresentar perguntas, levantar dúvidas, pôr em causa sistemas, complementando-os, ou invertendo os seus quadros de valores. Perguntando, à maneira da maiêutica de Sócrates, mais do que apresentando a solução.

Encerram ambos os volumes um importante conjunto de Notas Críticas, assinadas e a cargo dos mais variados especialistas, estudiosos e investigadores.